

SÃO
SEBASTIÃO
DO
RIO
DE JANEIRO
a formação de uma cidade

MATERIAL EDUCATIVO



CONVITE

A Bang Filmes convida escolas, educadores e estudantes para um delicioso passeio pela história do Rio!

O documentário “São Sebastião do Rio de Janeiro, a formação de uma cidade” não fala apenas aos cariocas. Capital do Brasil por 196 anos, a cidade brasileira mais conhecida no exterior, sede dos Jogos Olímpicos de 2016, confunde sua trajetória com a trajetória de Portugal e de todo o Brasil, além de reunir os temas centrais da agenda da civilização no século XXI: os desafios do desenvolvimento humano e a sustentabilidade nas aglomerações urbanas.

Este material foi elaborado especialmente para grupos escolares, como forma de ressaltar aspectos do filme que são de interesse para esse público, divididos em duas grandes áreas de conhecimento. Esta divisão funciona apenas para uma organização prática do texto, pois apostamos na perspectiva interdisciplinar, não só porque sugerida pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, mas ainda porque uma das qualidades da linguagem audiovisual é justamente a sua capacidade de combinar tantos e diferentes saberes.

Independente da sua área de trabalho, ou de preferência, recomendamos a leitura completa do material para o maior aproveitamento do filme. Afinal, todo conhecimento é mais significativo quando em relação com os demais. A proposta também é expandir a experiência de assistir ao documentário para além das salas de cinema e de aula, para a vida. Enfim, esperamos que a história da formação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro inspire a reflexão e a produção de novos conhecimentos!

BANG
— FILMES —

MAKING OF “SÃO SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO, A FORMAÇÃO DE UMA CIDADE”

Sinopse

A cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, fundada em 1565 entre os Morros Cara de Cão e Pão de Açúcar, é conhecida por seus encantos naturais e seu espírito libertário. Uma cidade estabelecida na paisagem que encarna como poucas o sonho da metrópole tropical. Este filme, "São Sebastião do Rio de Janeiro, a formação de uma cidade", de Juliana de Carvalho, conta a história da conformação dessa urbe, perseguindo seus vestígios arquitetônicos e reformas urbanas que a forjaram e ao povo que nela vive.

2015, Rio de Janeiro, DCP, Áudio 5.1, Cor, 90 min, documentário, LIVRE

Ficha Técnica:

Concepção, Produção e Direção: Juliana de Carvalho

Narração: Leilane Neubarth

Montagem: Mair Tavares e Tina Saphira

Texto: Carlos Haag

Concepção Visual: Antônio Cid e Mauro Heitor,

Direção de Fotografia: Luiz Abramo, Antônio Luiz Mendes e Fernando Medeiros

Colorista: Hebert Marmo

Música: Lucas Marcier e Fabiano Krieger

Pesquisa Iconográfica: Patrícia Pamplona

Licenciamento e Pesquisa Adicional: Gabriela Miranda e Priscila Serejo

Consultoria Histórica e Arquitetura: Carlos Fernando Andrade e José Pessoa

Fotografias: Ivo Gonzalez

Coordenação de Distribuição: Carla Niemeyer

Material Educativo: Bia A. Porto e Felicia Krumholz



CURIOSIDADES

Juliana de Carvalho, diretora do documentário, é uma carioca de alma, nascida, na verdade, em Juiz de Fora/MG. O filme é uma declaração de amor à cidade onde mora desde os 23 anos.

A ideia de fazer um filme sobre o Rio foi uma sugestão do artista plástico Paulo Simões, que é tio de Juliana.

Desde a pesquisa inicial até a pós-produção, a realização do documentário durou 48 meses.

Além das gravações realizadas pela própria equipe, o filme utiliza 275 imagens adquiridas em arquivos de cerca de 30 instituições do Brasil, França, Inglaterra e até da Áustria.

A canção “Rei de Janeiro”, que integra a trilha sonora, é um poema de um dos líderes do movimento do Cinema Novo (anos 1960), o cineasta baiano Glauber Rocha, musicado postumamente por Jards Macalé, músico carioca de vanguarda.



LINGUAGENS, CÓDIGOS, CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS

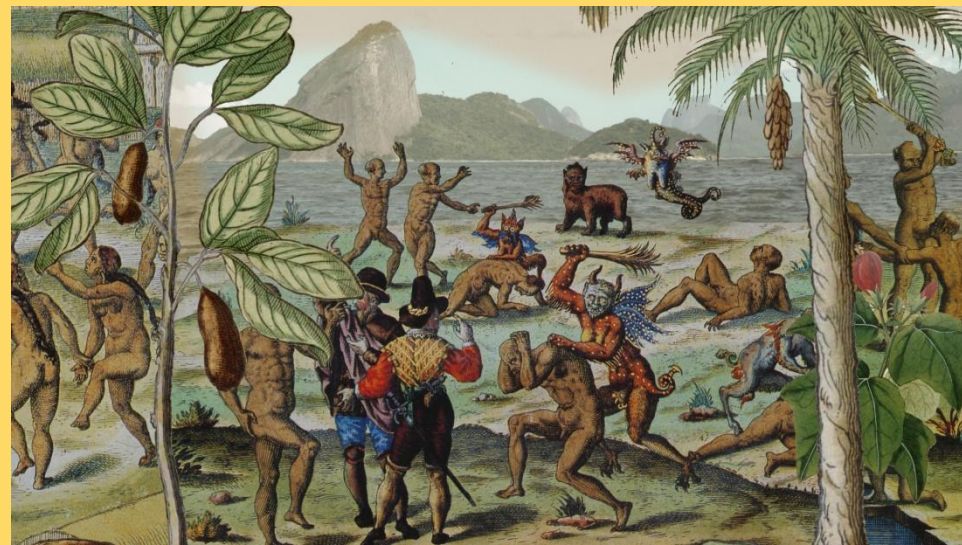
Documentário é um **gênero cinematográfico** caracterizado pela apresentação de informações verídicas, em geral, de maneira não dramatizada. “São Sebastião do Rio de Janeiro, a formação de uma cidade” é um filme documental que explora diferentes recursos para contar fatos históricos que explicam o Rio como ele é hoje.

Fique atento aos tipos de **tecnologias** usadas para retratar as diferentes épocas.

Os planos de abertura foram gravados com câmeras em *drones*, helicópteros e barco, fazendo o espectador chegar ao Rio dos dias de hoje pelo mar e, em seguida, sobrevoar a cidade, pousando finalmente na Baía de Guanabara.

Um plano-geral mostra a Pedra da Gávea e o Corcovado, ao fundo, com o Pão-de-Açúcar na frente. É esta imagem, produzida em 2014 com efeito de **time-lapse**, que faz a transição narrativa para o passado, de volta a janeiro de 1502, quando os portugueses chegaram.

O início da colonização é ilustrado com mapas, pinturas e gravuras feitos por viajantes e artistas europeus. São escassos os registros dessa época, então, a produção do longa fez um trabalho videográfico em várias dessas obras e criou animações, em computação 3D, especialmente para reproduzir as cenas desse período.



O recurso do **videografismo** também é usado em vários outros momentos, porém com menos destaque. Afinal, quanto mais nos aproximamos do presente, maior a quantidade, diversidade e qualidade de registros visuais. Desde a invenção da fotografia e do cinematógrafo, no final do século XIX, os equipamentos evoluíram muito. A tecnologia usada para a captura das imagens originais deste documentário é a 4k, um sistema de ultradefinição. O filme segue misturando materiais antigos e novos. Quanto mais tempo tiver o lugar sobre o qual se fala, mais tipos de registro são usados. Como consequência, o espectador está sempre diante de diversas camadas temporais.



A voz da jornalista Leilane Neubarth representa a voz da diretora do filme. Como afirma Juliana de Carvalho: “eu sempre soube que tinha que ser narrado por uma mulher, que representasse assim o encontro que tive com o Rio ao fazer esse filme. Eu já morava aqui há bastante tempo, mas a pesquisa me fez descobrir muito mais. Aí, a voz da Leilane me emprestou um sotaque carioca”.

Em *off*, Leilane também lê trechos de documentos históricos, como uma carta do Padre José de Anchieta (1560), relatos de exploradores ingleses e o Relatório da Companhia Jardim Botânico (1894), que testemunham os interesses e, muitas vezes a violência, na dominação do território, dos indígenas e afro-brasileiros.

Muitas das entrevistas confirmam as remoções e outras violações aos **Direitos Humanos e da Natureza** que fazem parte da história do Brasil. Nesse sentido, é importante lembrar com a turma os momentos em que filme mostra esses conflitos e revela a resistência da herança cultural indígena, ainda viva na geografia e no vocabulário carioca, e a participação das populações negras na constituição da cultura da cidade.



Para tratar de toda a complexidade da metrópole carioca, a produção recorreu a 16 especialistas que trabalham com temas ligados ao Rio. Veja a lista de pessoas entrevistadas e suas profissões:

Entrevistas: Adilson Roque dos Santos, arquiteto, urbanista e paisagista; Alba Zaluar, antropóloga e Profª. Visitante IESP/UERJ; Augusto Ivan, arquiteto e urbanista; Carlos Fernando de Andrade, arquiteto e urbanista; Carlos Martins, José Antônio Nonato, pesquisador do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan); José Pessoa, arquiteto, urbanista e Prof. UFF; Lauro Cavalcanti, arquiteto e urbanista; Marcio Roiter, fundador e presidente do Instituto Art Déco Brasil; Margareth Pereira, arquiteta e urbanista; Milton Teixeira, historiador; Nei Lopes, escritor e compositor; Paulo Canedo, Prof. De Hidrologia da Coppe/UFRJ; Pedro Rivera, arquiteto e urbanista; Ruy Castro, escritor; Sérgio Besserman, economista e ambientalista; Sérgio Cabral, jornalista, escritor, compositor e pesquisador brasileiro; Tania Andrade, arqueóloga.

Considerando as atribuições dessas profissões, é interessante discutir: se a sua turma fosse fazer um filme sobre sua região, ou cidade, que profissionais e personalidades estariam na lista para entrevistar? Essa escolha tem um grande peso na definição do ponto de vista do autor e do eixo narrativo de um filme.

Com uma predominância de arquitetos e urbanistas, “São Sebastião do Rio de Janeiro, a formação de uma cidade” procura retratar o Rio, como “*uma cidade que se move muito, inclusive na sua geografia*”, conforme depoimento de Carlos Fernando de Andrade, que também é consultor do longa. Desde as primeiras fortificações e igrejas, o documentário mostra como o Rio não só se expandiu, como também deslocou suas áreas nobres e pobres ao longo de seu desenvolvimento. Nesse processo, o longa destaca algumas intervenções urbanísticas importantes: as obras para a recepção e acomodação da Família Real Portuguesa (1808); a Reforma Pereira Passos (entre 1902 e 1906); as comemorações dos cem anos de Independência (1922) e o Aterro do Flamengo (inaugurado em 1965), comentando ainda o aumento da oferta de transporte público, o que fez crescer seus limites geográficos.



Hoje, a **Cidade Olímpica** vive mais um momento de muitas transformações. Nesse contexto, é interessante perceber o que o filme conta sobre a história das localidades que estão recebendo as instalações e vão ser palco dos jogos: Barra da Tijuca, Copacabana, Deodoro e Maracanã. No site oficial do evento (www.rio2016.com), você também pode encontrar mais detalhes sobre as mudanças planejadas para essas regiões e descobrir novas áreas para a prática de esportes. Quem puder conferir de perto, consegue ter uma noção ainda melhor do impacto socioambiental de mais um grande evento na cidade.

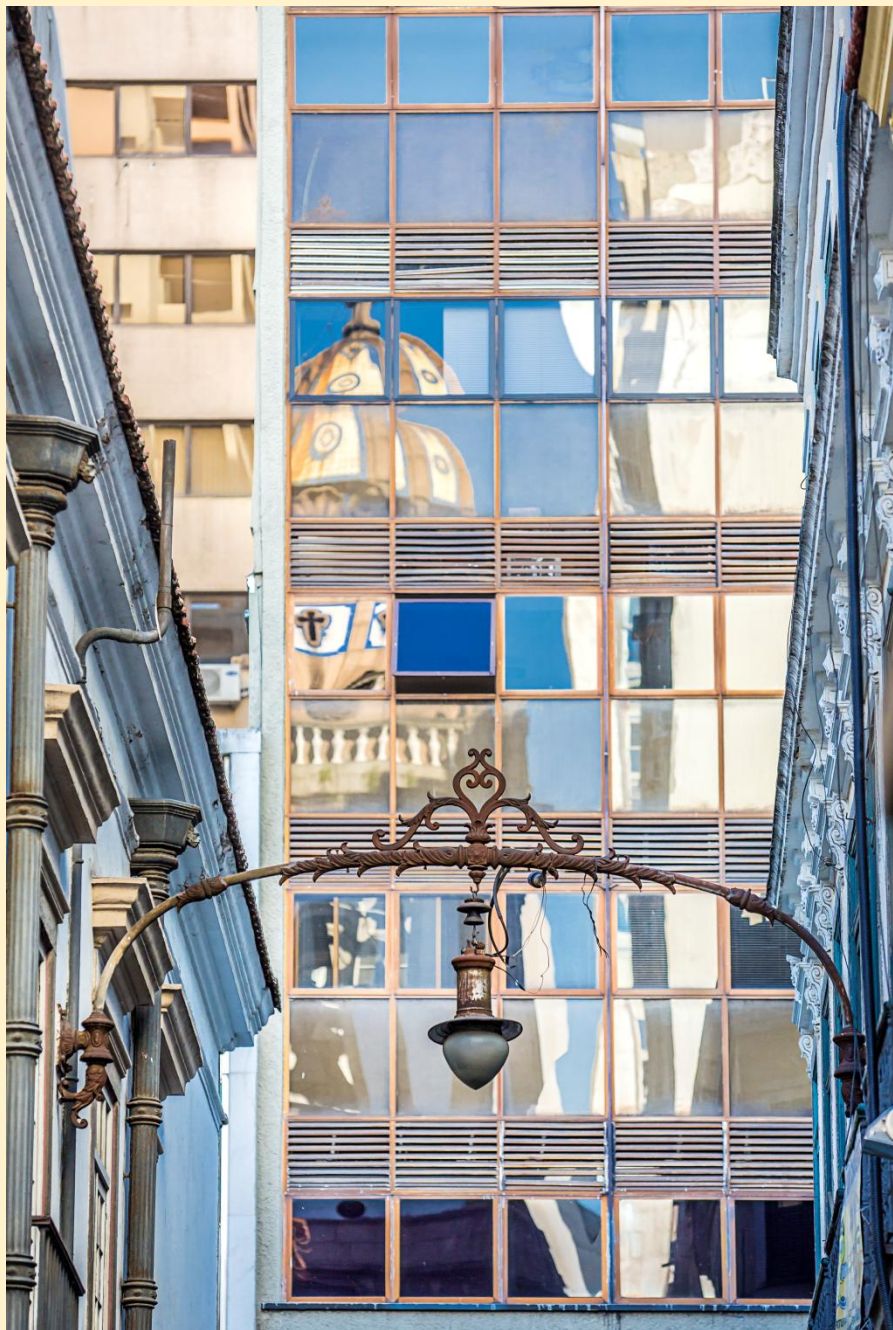
O Rio de Janeiro é uma cidade tão cantada que seria possível contar a sua história somente através da música. O trabalho de Lucas Marcier e Fabiano Krieger, que assinam o crédito de “Música” nesse documentário, então, foi fazer uma seleção de obras musicais de diferentes épocas e autores que, misturada com faixas inéditas, ajudasse a narração, marcando as mudanças de assunto e tornando a narrativa mais dinâmica, pontuando as emoções.

A pesquisa se preocupou em trazer artistas conhecidos, mas fugindo das canções mais óbvias, como “Garota de Ipanema” (de Tom Jobim e Vinícius de Moraes), que é uma das músicas mais gravadas do mundo. Com isso, o grande público pode se envolver com uma trilha sonora familiar e também ampliar o seu repertório com ela.

Além de reforçar o texto, a trilha tem também uma função complementar, o que fica evidente na sequência dos desfiles no sambódromo: a letra da canção “Estácio, Holly Estácio” (composta e interpretada por Luiz Melodia), fala do bairro que faz parte da região considerada o berço do samba, mas a música contrasta com as imagens de escolas de samba por ter um estilo muito diferente do ritmo mais característico do carnaval carioca. A edição, inclusive, faz um efeito de câmera lenta para casar as cenas vistas com o andamento da música. Ouvir essa canção novamente e comparar suas características com o samba é um bom exercício de percepção musical.

Outra atividade interessante aqui é buscar outras músicas que falam da sua região e/ou cidade, observando que gêneros representam melhor cada lugar e por quê.





Pensando agora em toda a composição audiovisual - ou seja, na relação das imagens com a narração em *off*, as falas dos entrevistados e a trilha sonora – o espectador se depara com uma intensa justaposição de temporalidades.

Podemos tomar como exemplo a sequência que explica a expansão da cidade para os bairros, com os bondes e trens: enquanto a narração está em 1892, imagens P&B gravadas no início do século XX são exibidas ao mesmo tempo em ouvimos a música “Sapopemba e Maxambomba”, de Wilson Moreira e Nei Lopes, interpretada por Zeca Pagodinho em 1999.

Desse modo, o documentário reflete mais uma característica da vida real. Por mais que o progresso venha alterar a paisagem, o passado continua presente e o futuro já está à nossa volta. A foto ao lado, clicada no Centro do Rio, em 2013 por Ivo Gonzalez, apresenta as torres campanárias da igreja da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo (1850) refletida no vidro espelhado de um edifício contemporâneo. À frente, vê-se um arco com luminária da igreja da *Belle Époque* brasileira. O quadro, assim, é composto de pelo menos três camadas temporais.

Quantas camadas temporais você vê agora à sua volta? Que tal propor à turma fazer suas próprias fotografias registrando a justaposição de temporalidades na sua região, ou cidade? Impressas, essas imagens podem integrar uma bela exposição.

MATEMÁTICA, CIÊNCIAS DA NATUREZA E SUAS TECNOLOGIAS

“O desafio da humanidade no século XXI é o desenvolvimento sustentável. O Rio de Janeiro expressa esse desafio nesse único encontro entre seis milhões e trezentas mil pessoas e três florestas, duas baías, um litoral espetacular, um sistema de lagoas.” (Sérgio Besserman)

“São Sebastião do Rio de Janeiro, a formação de uma cidade” narra uma trajetória de exploração da natureza, de tecnologias e outros recursos empenhados em infraestrutura urbana. Recapitulamos, a seguir, os principais aspectos dessa história abordados pelo filme e sugerimos a discussão com sua turma sob a ótica da sua disciplina e das profissões que viabilizam os projetos de cidades. O que o documentário traz de mais enriquecedor para este debate é uma perspectiva histórica e política sobre as aplicações das ciências, sempre relacionando com os contextos culturais que as geram.

“A água era tão importante que foi ela quem batizou os cariocas” diz a narração em *off*. Da água doce às águas salgadas, de toda uma fauna que vive nos **ecotonos** entre o mar e a terra, os tupinambás, que aqui habitavam à época da chegada dos portugueses, tiravam facilmente a sua subsistência. Já os colonizadores precisaram de muito engenho para aterrar os pântanos e abrir caminhos ao estabelecer uma cidade onde quase só havia lagoas, charcos e manguezais, entre os morros do Castelo, São Bento, Santo Antônio e Conceição. A construção dos Arcos Velhos na virada do século XVII para o XVIII, hoje chamados Arcos da Lapa, foi justamente uma obra para abastecer a área urbana, pois rapidamente se havia extenuado as fontes de água doce das zonas mais populosas.



Na segunda metade do XVIII, a lavoura cafeeira representou mais uma ameaça ao abastecimento de água com o desmatamento da **Floresta da Tijuca**. Como o documentário evidencia, a **crise hídrica** atual é um problema histórico além de ser uma questão que afeta os dias que virão:

“A Baía da Guanabara é o nosso passado, mas acho que, mais importante que isso, ela é o nosso futuro. Mas a **Baía de Guanabara** está imunda, ela está poluída. O mundo tem limpado suas baías em outras cidades. (...) Se o Rio não limpar a Baía de Guanabara, não é só uma agressão ao meio ambiente, ou a qualidade de vida das pessoas, ou a quanto vale o patrimônio existente na beira da baía, não. Isso já seria suficiente, a saúde das pessoas, mas é mais do que isso. O Rio vai perder a marca que ele tem”... (Sérgio Besserman)

A partir da exibição do filme, o aprofundamento da pesquisa sobre a água no Rio de Janeiro, um mapeamento dos recursos hídricos no entorno da sua escola e um levantamento de dados sobre o abastecimento da sua região são três atividades que podem fazer a sua turma experimentar a aplicação de diversos conhecimentos matemáticos e das ciências da natureza.

Diretamente relacionada à questão da água, a exploração da **Mata Atlântica** e a sua recuperação envolveu inúmeras experiências. Desde os tempos coloniais, o domínio da **Botânica** tinha grande valor comercial:

“O Jardim Botânico não era só um lugar de lazer, mas uma instituição de pesquisa, onde plantas de todas as partes do Império eram cultivadas. D. João VI se preocupava tanto com o sigilo dos experimentos que o construiu num lugar distante. Afinal, o que se descobria entre as palmeiras imperiais podia render muito dinheiro. O Rei chegou a importar chineses para aprender os segredos do cultivo do chá.” (Narração em *off*)

Para minimizar a devastação das matas da Tijuca e preservar as nascentes e a reserva de água da cidade, D. João VI proibiu, em 1817, a derrubada de árvores nas margens dos rios e mandou que novas fossem plantadas. Suas ordens foram ignoradas e, anos mais tarde, foi D. Pedro II quem tomou medidas mais eficazes. O imperador encarregou o major Manoel Archer para o reflorestamento. Em um trabalho pioneiro, o major Archer, levou mudas, de espécies originárias da Mata Atlântica, de Guaratiba para a **Floresta da Tijuca**, considerada hoje uma das maiores florestas urbanas do planeta. A maior é justamente o **Parque Estadual da Pedra Branca**, que, além de Guaratiba, abrange mais 16 bairros da Zona Oeste do Rio.

A proximidade com a cidade oferece ainda riscos à preservação dessas áreas verdes e toda a sua biodiversidade. A Zona Oeste é a região de expansão mais recente, concentrando as maiores taxas de crescimento urbano de todo o estado do RJ, o que exige políticas de conservação. Partindo do ponto de vista de sua disciplina, procure conversar mais com sua turma sobre a importância da preservação da natureza.





É impossível compreender o desenvolvimento do Rio sem pensar a questão da **mobilidade**. Nos tempos de Dom João, para ir aos Engenhos de Açúcar que tinham na Lagoa, era preciso pegar uma embarcação até onde hoje é a Fonte da Saudade. O Rei ia de barco da Quinta da Boa Vista para o Jardim Botânico.

“A partir de 1870, trens e bondes financiados pelo capital estrangeiro, fizeram uma revolução na cidade. (...) Com o trem, o Rio construiu seus subúrbios e, com o bonde, a cidade se expandiu para as Zonas Norte e Sul. Foi a primeira metrópole da América do Sul a ter um serviço de transporte coletivo puxado por burros sobre trilhos. Em 1858, foi inaugurado o primeiro trecho da Estrada de Ferro Central do Brasil.” (Narração em *off*)

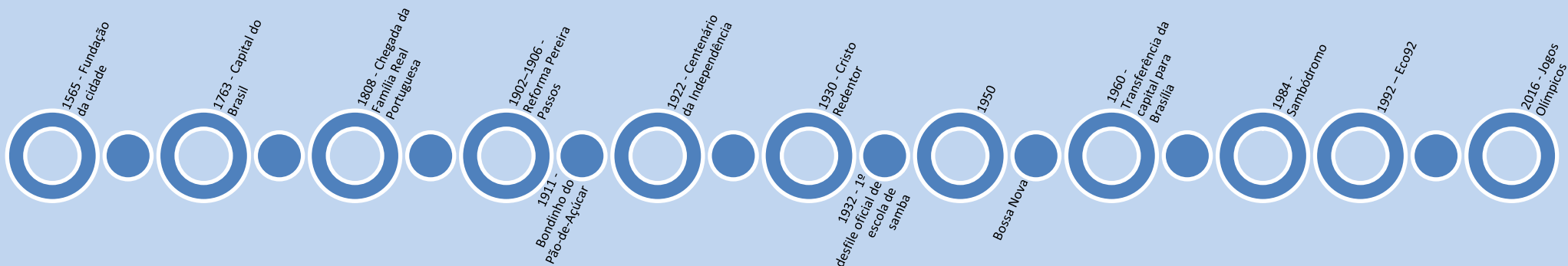
A malha ferroviária fluminense servia basicamente para ligar as regiões produtoras de café ao porto. No início do século XX, o prefeito Pereira Passos moderniza o sistema tecnológico de embarque de mercadorias nos navios. Ao invés de ser canoa levando para o navio, passa a ser com guindaste. Os bondes são movidos por eletricidade desde 1892. Já a Estrada de Ferro do Corcovado, inaugurada em 1884, foi eletrificada em 1910, sendo a primeira ferrovia a operar com energia elétrica no país.

“Principalmente depois da mudança da capital para Brasília, que se cria então o estado da Guanabara, que passa a ter um departamento de estradas e rodagens, o grande projeto do Carlos Lacerda e, em seguida, do Negrão de Lima, é a abertura de túneis, novas avenidas e o desenvolvimento para a Barra da Tijuca, que é todo um desenvolvimento montado e centrado no automóvel.” (Carlos Fernando de Andrade)

Como vemos no documentário, os sistemas energéticos e de transporte modelam as cidades, estando intimamente relacionados com os projetos econômicos e culturais em jogo. Além das tecnologias e combustíveis envolvidos nesses sistemas, aproveite o filme para discutir com a turma a história da sua região ou cidade como uma história da ação humana sobre um lugar e um povo, fundamentada sobre uma infinidade de conhecimentos técnicos. Na história do Rio de Janeiro, por exemplo, morros foram postos a baixo, grandes áreas foram aterradas e edifícios foram projetados e construídos segundo diferentes linhas da arquitetura e da engenharia, dentre as quais o documentário destaca o neoclassicismo, o *art déco* e o modernismo.



Contar uma história de 450 anos em um longa-metragem não é tarefa fácil. Depois de extensa pesquisa em livros, filmes e fotografias, além de muitas conversas com especialistas, foi preciso escolher o que faria parte e o que não caberia em 90 minutos de filme. A autora, Juliana de Carvalho, privilegiou o desenvolvimento urbano como eixo narrativo para apresentar seu personagem principal, o Rio de Janeiro. Marcos da historiografia tradicional foram, assim, selecionados para orientar o espectador no tempo, enquanto a exuberância das imagens conferem originalidade ao documentário. Músicas e entrevistas completam a bela visão panorâmica, mas, ao combinar todos esses elementos em um discurso audiovisual coeso, infelizmente, ficaram de fora outros aspectos relevantes e interessantes, que convidamos as escolas agora a investigar e também contar.



Uma linha do tempo é uma forma de representar a história dos temas que interessam para a sua turma. Pode ser usada para pensar no desenvolvimento do Rio em paralelo com o da região/cidade da sua escola, ou pode indicar a evolução de tecnologias e movimentos artísticos, por exemplo. Uma linha do tempo pode até ser o roteiro de um filme no qual a sua turma expresse sua própria versão da História.



DICAS DE LEITURA

Portal do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: <http://portal.iphan.gov.br>

Ferramenta “Cidades” do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php>

Site do Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro: <http://www.jbrj.gov.br/>

ABREU, Mauricio de A.. *EVOLUÇÃO URBANA do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLAN RIO/Jorge Zahar Editor, 1987.

BUENO, Eduardo; TAITELBAUM, Paula. *Avenida Presidente Vargas - Um Desfile Pela História do Brasil*. Porto Alegre: Buenas Ideias /Arco Arquitetura e Prod., 2010

Carvalho, Juliana de (concepção e dir. editorial). *São Sebastião do Rio de Janeiro: a formação de uma cidade*. Rio de Janeiro: Bang Filmes & Produções, 2014.

_____ (concepção e dir. editorial). *O Rio Que É Azul*. Rio de Janeiro: Bang Filmes & Produções, 2014.

_____ (concepção e dir. editorial). *O Rio Que É Verde*. Rio de Janeiro: Bang Filmes & Produções, 2013

AGENDE UMA SESSÃO PARA SUA ESCOLA!

1.000 VAGAS GRÁTIS PARA ESCOLAS PÚBLICAS E PREÇO PROMOCIONAL PARA GRUPOS ESCOLARES

Informações

Ivete: escola@cinespaco.com.br (11) 3266-5115

Paula Muricy e Juliana Valin: bang@bangfilmes.com.br (21) 2537-5132

Trailer oficial: youtu.be/UXX3nihGUJQ

 /saosebastiaodoriofilme

Produção e distribuição **Bang Filmes**

www.bangfilmes.com.br/sao-sebastiao-o-filme

Sessões a partir de 26/5/16